

PENSANDO ECOLOGICAMENTE “O RIO” CABRALINO

Bárbara Barreiros Cruz (Graduanda em Letras - UFRJ)

Esta pesquisa pautada na interdisciplinaridade, procura mostrar que a arte e a ciência têm trabalhado por um objetivo comum: a quebra de paradigmas; tornando real a possibilidade de interação entre essas duas formas de percepção do mundo. A pesquisa pretende apontar para as "aproximações" entre o retrato pintado pelo geógrafo Milton Santos do processo desigual em que ocorreu a industrialização brasileira e as imagens, artisticamente recriadas por João Cabral de Melo Neto, no poema “O rio”.

Enquanto a ciência age de modo a teorizar, a comprovar hipóteses sobre a realidade, a Literatura transgredindo a linguagem, revela os sentimentos humanos sendo, portanto, o espelho de uma cultura, de uma geração. Dessa forma, admite-se um potencial subversivo no poema "O rio" ao mostrar, alegoricamente, o destino cruel dos retirantes da seca do nordeste brasileiro.

Compreendendo com Marcuse que "O mundo fictício da arte aparece como a verdadeira realidade"; que "a obra de arte representa assim a realidade, ao mesmo tempo em que a denuncia e que a função crítica da arte, a sua contribuição para a luta de libertação, reside na forma estética." (Marcuse); torna-se real a possibilidade de um diálogo crítico entre a teoria de Milton Santos com a obra selecionada de Cabral.

O título "O rio", juntamente com a epígrafe “Quiero que compongamos yo e tu una prosa”, que fora extraída da cultura do cancionero espanhol, inicia o leitor atento em uma temática pautada na simplicidade da prosa, em prol de uma maior clareza do discurso. Essa é uma característica desse cancionero e de uma das duas águas cabralinas. A poética cabralina pode ser dividida em duas fases, as chamadas “duas águas” de Cabral. A primeira se caracteriza por sua estética mais complexa, enfatizando o fazer poético, enquanto que a segunda valoriza aspectos da oralidade, ou seja, se preocupa com a comunicabilidade do poema. “O rio” pertence, portanto, a segunda água, e nesta, a temática social é muito mais ostensiva do que naquela. Todavia, é importante salientar que tão importante quanto as denúncias sociais contidas nesses textos é a estratégia discursiva utilizada para compô-los.

“O rio” é uma narrativa geográfica e também poético-social. É um texto que se diferencia dos outros produzidos a sua época (1953), tanto por seu conteúdo literário

quanto por seu fazer estético. O discurso parece algo como uma prosa feita em poesia, isso devido à importância primordial que confere a informação semântica.

O personagem principal é o rio, antropomorficamente recriado, que assume um duplo papel: o de agente da narrativa e o de objeto da narração: “Sempre em qualquer viagem o rio e o companheiro melhor”¹ O percurso do rio se faz de forma simultânea com o discurso narrativo: “vou levando comigo os rios que vou encontrando”. O rio conta tudo que vai vendo, desde que nasce até continuar pelo mar, ao chegar ao porto de Recife, onde se junta com outros rios. O destino do rio e claramente o destino do sertanejo, que precisa retirar-se em busca de uma vida melhor: “A gente cuja vida se interrompe quando os rios”².

O rio percorre sempre terras de seca, de abandono e de decadência. Nesses lugares, não existem condições de permanência para os que ainda vivem ali, sobrevivem como animais com tempo curto de vida: “Terras que eu abandono porque é de rio estar passando”³. A trama e o fazer estético se completam no poema. A paisagem se repete, assim como os sintagmas do texto. Esse fato condiz com a repetição do esforço humano em tentar domar essa natureza indomável, em modificá-la, em melhorá-la, como um círculo sem fim e sem solução. O discurso é marcado por um tom áspero e monocórdio, que estaria insistindo na monotonia das coisas presentes: “persiste a mesma sede, ainda sem fundo, de palha ou areia, bebendo tantos riachos extraviados pelas capoeiras”⁴.

O tecido que forma o texto é rude e grosso, dicção rasteira e lenta de rio de várzea, com pouca musicalidade, se assemelhando a linguagem oral: com mobilidade, sem rodeios e às vezes redundante; “vou na mesma paisagem reduzida a sua pedra. A vida veste ainda a sua mais dura pele”⁵. Cada lugar que percorre o rio deixa-lhe uma marca, pois em comum, todos esses povoados têm a fome, o abandono e o descaso pelas autoridades: “A mesma dor calada, o mesmo soluço seco, mesma morte de coisa que não apodrece, mas seca”⁶ A fé também é comum nessas terras, e é com ironia que vem sendo tratada no poema: “Sempre um santo preside a decadência de cada uma delas (vilas)”⁷. A religião é, nesse caso, o reflexo da alienação, do controle social, da

¹ Morte e vida Severina e outros poemas para vozes. P. 22

² P. 20

³ P.19

⁴ P.24

⁵ P.23

⁶ P.22

⁷ P.21

repressão de um povo, sem que esse perceba, conforme diz Guattari em *As três ecologias*.

Sobre a desigualdade social, o poema aborda a política do coronelismo, comum nas regiões rurais do país e critica a popularidade dos coronéis perante o povo, que alienado, idolatra aqueles pela esmola que dão: "Coronéis padroeiros vão desfilando com cada vila"⁸.

O tema da violenta industrialização que o Brasil sofreu é também recriado no poema, de forma crítica. O poema descreve como pobres engenhos foram engolidos pelas grandes usinas, aumentando assim a pobreza e a fome nessas regiões: "Foram terras de engenho agora são terras de usina"⁹. O paralelismo entre o homem e o rio acaba recriando a história natural e econômica dessa área do país, tendo a usina como símbolo da degeneração física e social nordestina. Com Antonio Carlos Secchin "Vê-se, assim, que o discurso mais fluente que embasa a vontade de comunicar, não significa a negligência do fazer"¹⁰.

Por outro lado, o poema leva-nos a pensar, com Milton Santos, que a instituição capitalista, no Brasil, aconteceu de forma tardia e por isso, buscava se instaurar de forma acelerada, para que houvesse de pronto uma reforma industrial no país. Assim sendo, a noção de direitos políticos e de direitos individuais teve de ser, a princípio, desrespeitada, para depois ser anulada, tudo isso através de políticas de alienação, para que o povo não soubesse se defender dessa situação.

As fabricas utilizavam tecnologias importadas: "A usina possui sempre uma moenda de nome inglês"¹¹. Esse fato deixa clara a dificuldade de adequar essas pessoas a essa nova realidade comercial, pois conforme relata Milton Santos: "Quando um homem se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha, esse lugar e sede de uma vigorosa alienação"¹². Para o povo que sofre diretamente as consequências dessa reforma, restam três opções: aderir a essa nova realidade, retirarem-se ou morrerem, conforme denuncia o poema: "tudo planta de cana e assim, até o infinito; tudo planta de cana para uma só boca de usina"¹³. A implantação de uma indústria que explora a população e desertifica a região não

⁸ P.22

⁹ João Cabral: a poesia do menos p. 27

¹⁰ P.90

¹¹ Morte e vida Severina e outros poemas para vozes. P.28

¹² O espaço do cidadão: introdução

¹³ Morte e vida Severina e outros poemas para vozes. P.29

acrescenta nenhum benefício ao povo, pelo contrário, aumenta ainda mais os seus problemas sociais.

Esses trabalhos em fabricas, recriados no poema, são praticamente escravos e o cidadão acaba perdendo o seu direito primordial, o da cidadania. Milton Santos propõe a recuperação do ex-cidadão com uma mudança de enfoque no tratamento desse problema, com a criação de um novo modelo cívico com o substrato de dois componentes essenciais: a cultura e o território. É importante salientar que a concepção de espaço, trabalhada por esse geógrafo, se diferencia daquela proposta pela a geografia tradicional, limitada por trabalhar apenas os aspectos físicos. Esse autor, através de uma visão humanista, considera que o território é um espaço de revelação, em que se pode ver a alienação e trabalhar a desalienação. “Viver, tornar-se um ser no mundo é assumir, com os demais, uma herança moral, que faz cada qual portador de prerrogativas sociais”¹⁴.

Ao final da narrativa cabralina fica clara a intenção de comunicar e denunciar poeticamente a vida desterritorializada do sertanejo nordestino, estrangeiro em seu território “Ao partir companhia desta gente dos alagados que lhe posso deixar, que conselho, que recado? Somente a relação de nosso comum retirar; só dessa relação tecida em grosso tear”¹⁵.

Secchin afirma a intenção existente no poema de se estabelecer uma relação entre o público e a poesia contemporânea. Com êxito, João Cabral, no texto de “O rio”, resolve o impasse em que viviam os poetas modernos, pelo subjetivismo e pela fetichização no fazer artístico, que os distanciava de um público mais popular.

Assim como propõe Ruerckert, em seu *Um experimento em ecocrítica*, essa pesquisa entende o poema como uma energia armazenada, uma turbulência formal, algo vivo, uma corrente contínua. Sendo assim, concorda-se que é função de um professor em sala de aula promover leituras críticas de um texto literário, dispersando a energia armazenada nele para que essa possa fluir pela comunidade humana. Dessa forma, acredita-se na força do poder transformador da literatura, interligado com o poder transformador do professor. Através de um estudo que interliga disciplinas, e possível uma melhor compreensão das mensagens contidas em uma obra literária. As palavras de Glotfelt sintetizam o meu pensamento ao construir esse trabalho: “Os historiadores, ao

¹⁴ O espaço do cidadão p.19

¹⁵ Morte e vida Severina e outros poemas para vozes p. 45

lado de estudiosos da Literatura, não podem efetuar a reforma, naturalmente, mas, podem ajudar na sua compreensão”.